

sobre tudo

LA PERLA: MEMÓRIAS E RASTROS DA DITADURA MILITAR ARGENTINA

Maria Luiza Pierri²⁵
Camilo Buss Araujo²⁶

Resumo: Essa pesquisa procura resgatar a história do Centro Clandestino de Detenção La Perla, que foi mantido em funcionamento pelo exército argentino entre 1975 e 1978, durante a última ditadura civil-militar do país, na qual juntas militares o governaram por sete anos. Ao mesmo tempo, busca-se demonstrar a importância de uma consciência social e histórica quanto ao passado de qualquer nação, levando em conta a questão da memória na sociedade cordobesa, mais especificamente com relação ao regime autoritário de 1976-1983.

Palavras-chave: Ditadura argentina, Córdoba, Centro Clandestino de Detenção, Memória, La Perla

²⁵ Estudante do segundo ano do Ensino Médio, intercambista do Projeto Córdoba em 2018. Contato: marialuizafey@hotmail.com

²⁶ Doutor em História pela UNICAMP. Professor de História e Estudos Latino-Americanos. Orientador da pesquisa. Contato: camilo.araujo@ufsc.br

Resumen: Esta investigación busca recuperar la historia del Centro Clandestino de Detención La Perla, el cual fue mantenido en funcionamiento por el ejército argentino entre 1975 y 1978, durante la última dictadura civil-militar del país, cuando corporaciones militares lo gobernaron por siete años. Al mismo tiempo, se intenta demostrar la importancia de la conciencia social e histórica sobre el pasado de cualquier nación, teniendo en cuenta la cuestión de la memoria en la sociedad cordobesa, más específicamente en lo que respecta al régimen autoritario de 1976-1983.

Palabras clave: Dictadura argentina; Córdoba; Centro Clandestino de Detención; Memoria; La Perla

Introdução

1.1 O autoritarismo e a ditadura na Argentina

La Perla foi um dos centros clandestinos de detenção mais importantes da Argentina, durante a ditadura que teve início em 24 de março de 1976. O golpe de Estado organizado pelos militares Jorge Rafael Videla, Orlando Agosti e Eduardo Massera, que destituiu a então presidenta Isabelita Perón do poder, deu origem a um governo extremamente opressivo e reacionário no país, cujo fim só se mostrou possível em 1983. Durante esses sete anos de introdução do Processo de Reorganização Nacional (como era chamado o governo após o golpe), estima-se que cerca de 30 mil pessoas tenham sido sequestradas, sendo que no mínimo 8 mil foram assassinadas.

Tal regime apresentou características autoritárias bem definidas. Alguns fatores decisivos para essa relação são o caráter ilegítimo do golpe de Estado, a manutenção da condição de governo por meio da violência, subversão da ordem política

anterior, concentração monopolizada do poder, controle de pensamento e de canais midiáticos, tomada de decisões impulsivas, restrição da liberdade de opiniões e manifestações, etc. Desse modo, podemos classificar o governo de 1976 a 1983 como um regime autoritário. Diferente do totalitarismo, de acordo com o cientista político Juan Linz, um regime desse tipo pode ser definido como um estado político que não possui nenhuma ideologia elaborada que o oriente, nem uma movimentação política extensiva/intensiva (a não ser em alguns momentos específicos), mas no qual um pequeno grupo exerce o poder dentro de limites formalmente mal definidos, mas de fato, bem previsíveis.²⁷

Além desse caráter autoritário, a Argentina vivenciou um período com aspectos ditatoriais baseados justamente nessa autoridade inquestionável que promove múltiplas dinâmicas para se manter no poder. Certos detalhes importantes que podem ser observados no decorrer da ditadura de 1976, são a ausência da democracia (os presidentes eram escolhidos sem consulta à população), problemas de legitimidade (incluindo a própria forma como ela se inicia), opressão de ideologias “perigosas” (como o pensamento marxista e outros segmentos de esquerda), e a eliminação de pessoas tidas pelos militares como subversivas. Como é possível observar, os elementos ditatoriais e autoritários se complementam e por vezes se interligam. Isso demonstra como são condições que, principalmente no século XX, atuaram em conjunto na América Latina. Essa última característica, que se

²⁷ LINZ, Juan. Regimes autoritários. In: PINHEIRO, P. S. (Org.). O Estado autoritário e movimentos populares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 119-188.

refere à perseguição política, era alcançado através de grupos estatais e de edifícios de extermínio. Um exemplo são os Centros Clandestinos de Detenção, como La Perla.

1.2 - A cidade de Córdoba

Esse CCD se localizava na província de Córdoba, a 12 km da cidade com o mesmo nome. Esta última, fundada em 6 de julho de 1573, é a segunda mais populosa do país e abriga a mais antiga instituição de ensino superior da Argentina: a *Universidad Nacional de Córdoba*, que existe desde 1613. Tanto a UNC quanto a *Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano* sofreram com a efetividade do regime de 1976, convivendo com o desaparecimento de alunos e uma atuação marcante dos mecanismos militares de opressão.

A cerca de 710 quilômetros de Buenos Aires e possuidora de um valioso patrimônio arquitetônico deixado pelos jesuítas durante os primeiros séculos de ocupação da região, a cidade apresenta edifícios históricos como a *Capilla Doméstica*, o Colégio Nacional de Monserrat, a *Iglesia da la Compañía de Jesus*, a Catedral de Córdoba e a própria UNC. Lá existe uma espécie de Museu da Memória, uma construção que no período da ditadura serviu como o Departamento de Informações da Polícia de Córdoba (D2). Nesse local especificamente, fica também o *Archivo Provincial de La Memoria*, com várias salas voltadas para o aprendizado histórico. Esse território é extremamente rico em manifestações culturais, contendo cerca de seis outros museus, bem como inúmeras exposições e feiras ligadas às artes, por isso é chamada de Capital Cultural das Américas. A cidade possui mais de 1,5 milhões de habitantes e ocupa um papel fundamental na

história da Argentina, tendo sido um dos principais palcos da reforma universitária de 1918 e do Cordobazo, em 1969.

1.3. La Perla: O golpe de 1976, o regime autoritário e as perseguições

La Perla foi o mais atuante Centro Clandestino de Detenção da província de Córdoba, no intervalo de tempo entre 1975 e 1978, em plena ditadura argentina. Os militares dividiram o país em cinco zonas, nas quais mais de 300 campos de tortura e assassinato foram criados. A maioria surgia a partir de edifícios do Exército, como foi o caso da ESMA (Escola Superior de Mecânica da Armada), em Buenos Aires, um dos mais cruéis centros de detenção na Argentina. La Perla também foi o centro mais marcante da Zona 3, tendo recebido uma quantia superior a 3000 presos políticos (chamados pelas autoridades do regime de “los negros”), dos quais apenas 200 sobreviveram às atrocidades. O grupo Comando Libertadores da América, que possuía uma inclinação fascista, foi responsável por ter implementado este CCD em Córdoba sob o poder do 3º Corpo de Exército. O chefe desse grupo, que teve uma significativa participação dentro de La Perla, era Héctor Pedro Vergez.²⁸

La Perla foi comandado pelo general Luciano Benjamín Menéndez (responsável por chefiar o 3º Corpo do Exército), juntamente com Juan Bautista Sasiañ, que foi chefe da Polícia Federal nos anos da ditadura. Além deles, atuaram no local o

²⁸ Informações disponíveis em: Infobae, Alfredo Serra. <<https://www.infobae.com/politica/2016/08/25/que-fue-la-perla-el-lugar-donde-la-dictadura-actuo-sin-ley-ni-dios/>> (Acesso em 8 de abril de 2018).

tenente Ernesto Barreiro (chefe de interrogatórios), César Emilio Anadón (chefe da unidade de inteligência), Luis Manzanelli, Carlos Alberto Díaz, Oreste Padován, Ricardo Lardone (torturadores e sequestradores) e mais 40 oficiais, sub-oficiais e inclusive civis. O local também era chamado de “La Universidad”, por causa de tudo o que, segundo os militares, os presos políticos teriam “aprendido” ali.

Localizado na Rua Nacional 20, que une a cidade de Córdoba à Carlos Paz, começou a funcionar como CCD ainda em 1975, tendo sido instalado meses antes do golpe de Estado e surgido a partir de uma necessidade de controle da oposição argentina. Assim que o então governador da província, Ricardo Obregón Cano, foi destituído de seu cargo em 27 de fevereiro de 1974, trabalhadores e estudantes (principalmente) com ideologias de esquerda e/ou que representassem uma possível “ameaça comunista”, segundo o governo e a direita argentina, foram perseguidos e sequestrados. As chamadas listas negras, desenvolvidas ao longo dos sete anos de ditadura, continham uma relação de nomes de indivíduos possivelmente perigosos. No Brasil, por exemplo, as empresas que cooperavam com os governantes do período (como Volkswagen, Johnson & Johnson, Grupo Ultragaz) emitiam delações de trabalhadores que pudessem ser considerados subversivos.

As ideias marxistas amedrontavam os militares, e estes usavam uma escala para definir a influência desses pensamentos nos cidadãos. Nas listas negras argentinas, os artistas (escritores, compositores, músicos, etc.) eram divididos em categorias que iam de “F1” a “F4”, de acordo com o perigo que representavam para o governo, sendo que em “F1” estavam aqueles que aparentemente não possuíam relações com a ideologia de

esquerda, e em “F4” cabiam as personalidades mais ameaçadoras do ponto de vista da ditadura.²⁹ Um exemplo de escritor perseguido foi Rodolfo Walsh, um jornalista argentino que foi militante em organizações de guerrilha urbana como os Montoneros. Em 1976 passou para a clandestinidade, e no ano seguinte foi assassinado durante uma abordagem realizada por um Grupo de Tarefas da ESMA (um centro clandestino em Buenos Aires).

Em Córdoba, mais precisamente na *Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano*, as delações eram muito frequentes. Tránsito Rigatuso, diretor do colégio nos anos anteriores ao golpe e próximo dos militares, teria entregue a eles listas de alunos, professores e funcionários “suspeitos”, influenciando decisivamente no desaparecimento de alguns deles. De forma semelhante atuou Manuel Carmelo Barceló, que, ao ocupar o cargo de Rigatuso, ordenou a queima de 19 títulos de livros da biblioteca da ESCMB. As obras pertenciam a autores como Karl Marx, Friedrich Engels, Freud, Eduardo Galeano, entre outros.

A intenção dos oficiais era derrotar os projetos das oposições revolucionárias na Argentina, e por isso se originaram duas importantes ferramentas reacionárias do Estado: os Grupos de Tarefas (GT) e a Aliança Anticomunista Argentina (Os Três A’s). Os primeiros eram responsáveis pelo sequestro das vítimas e seu transporte até os CCD’s, onde o Exército realizava torturas físicas e psicológicas imediatas contra os prisioneiros. A intenção era retirar a humanidade e a identidade das pessoas detidas, a fim de

²⁹ BBC, Marcia Carmo. <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131108_lista_negra_argentina_mc_ik> (Acesso em 28 de abril de 2018).

obter informações úteis com os interrogatórios. Essa última organização também era encarregada de produzir os “traslados definitivos”, ou seja, o assassinato daqueles que continuariam como desaparecidos. Acabou tendo como um dos principais objetivos a aniquilação da juventude que participara do chamado “Cordobazo”, em 1969, que teve grande importância para o fim da ditadura anterior, denominada “Revolución Argentina”.³⁰

Em La Perla havia quatro prédios, cada um com uma função distinta. Relata-se que três deles eram conectados entre si, enquanto o outro servia como garagem. Os militares ocupavam dois edifícios, e o terceiro era “La Cuadra”, um espaço destinado àqueles que eram detidos. Nesse lugar os presos políticos ficavam alojados com pouca ou nenhuma infraestrutura, e era onde passavam a maior parte do seu tempo. Em um primeiro momento, eles eram levados para “las oficinas”, onde recebiam um número que substituiria seu nome, ao mesmo tempo em que eram criadas fichas com a sua afiliação política e diversas outras informações que poderiam ser úteis aos opressores. Ainda em cômodos como esse, alguns indivíduos eram confinados para se prepararem para a transferência, que significava o seu assassinato.³¹

Em um determinado setor de “La Cuadra” localizavam-se as salas de tortura, sinalizadas por uma placa que avisava “Sala de terapia intensiva - nenhum doente é permitido”. Ali, todo o tipo

³⁰ ROJAS, Gonzalo, Adrian. “A ditadura militar na Argentina (1976-1983): retomando algumas hipóteses frente aos relatos oficiais”, 2014.

³¹ Informações disponíveis em: Infobae, Alfredo Serra. <<https://www.infobae.com/politica/2016/08/25/que-fue-la-perla-el-lugar-donde-la-dictadura-actuo-sin-ley-ni-dios/>> (Acesso em 8 de abril de 2018).

de atrocidade física e psicológica acontecia, com o intuito de otimizar o tempo de recolhimento de dados. Muitas vezes, familiares das vítimas eram trazidos e torturados também, na maioria das ocasiões com uma espécie de médico acompanhando-os para evitar uma morte precoce, mesmo que mais tarde grande parte das pessoas seria executada (várias não chegavam a resistir a sessões como essas).

Próximo às salas de tortura, ficavam “las caballerizas”, usadas como depósito de corpos dos indivíduos antes de serem levados para longe. Eles eram eliminados de várias maneiras, e só alguns foram reconhecidos e entregues às suas respectivas famílias mais tarde. Não muito distante, havia um galpão com os veículos utilizados para os sequestros, incluindo um caminhão chamado “Menéndez Benz” (em referência ao comandante do centro de detenção) que realizava a ‘transferência’ dos prisioneiros. Quando esse processo acontecia, normalmente se realizavam fuzilamentos em um campo nas localidades próximas. A partir de 1977, cerca de três pessoas foram executadas por dia, e todos os soldados que faziam parte do 3º Corpo de Exército eram obrigados a participar dessa prática.

Aqueles prisioneiros que conseguiam sobreviver normalmente haviam sido liberados para visitar as suas famílias, ou eventualmente passaram a viver com elas, mas sempre sob observação dos militares. Isso era necessário para evitar manifestações contrárias ao governo, embora já tivessem acontecido torturas contra esses mesmos indivíduos. Outros eram levados a prisões convencionais, depois, é claro, de já terem passado por algum CCD.

Além de todas essas repartições de La Perla, havia uma cozinha destinada a preparação de alimentos para as vítimas,

bem como banheiros e dormitórios (também para os oficiais). Durante cerca de três anos, a mesma rotina violenta e desumana se repetia nos arredores da cidade de Córdoba. Essa é uma realidade que só teve fim em 1978, quando “a maior parte do trabalho (de aniquilação) já tinha sido feita”, e esse centro clandestino de detenção foi desativado, encerrando assim um ciclo de extrema crueldade.³²

1.4. O acerto de contas com os torturadores e a política de memória sobre a ditadura

Anos após o fim da ditadura, as autoridades responsáveis pelos os crimes cometidos contra os direitos humanos começaram a ser julgadas. Em 2016, o general Luciano B. Menéndez, o tenente Ernesto Barreiro, o militar Carlos A. Díaz e mais 25 pessoas foram condenadas a prisão perpétua pelos tribunais de Córdoba. Menéndez morreu em fevereiro desse ano, enquanto cumpria a sua pena. Podemos observar dessa forma, que a Argentina apresenta, nesse quesito, uma lembrança muito mais forte em relação às ditaduras do que o Brasil. Lá, por exemplo, é celebrado em 24 de março o “Día de la Memoria, Verdad y Justicia”, no qual se realizam atividades pelo país inteiro para homenagear as vítimas dessa época e relembrar o acontecido de forma crítica.

Nessa mesma data em 2007, o governo federal argentino criou o “Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos

³² Comisión Provincial de la Memoria de Córdoba, <<http://www.apm.gov.ar/lp/recorrido-hist%C3%B3rico-funcionamiento-del-centro-clandestino-de-detenci%C3%B3n-tortura-y-extermio>> (Acesso em 15 de abril de 2018).

Humanos Ex CCD La Perla”, no mesmo lugar onde o regime autoritário atuou expressivamente por meio desse Centro Clandestino de Detenção. Esse é um museu de memórias administrado por organizações de direitos humanos em Córdoba. Seus principais objetivos são preservar o espaço onde funcionou esse Centro de Detenção como patrimônio histórico, construir um museu que explique os processos socio-políticos da ditadura militar, contribuir para a educação dos direitos humanos no país, e homenagear as vítimas. Nesse edifício, coordenado por Emiliano Fessia, existem relatos de sobreviventes, objetos, móveis e demais artigos da década de 1970 e 1980, além de muitos outros materiais informativos disponíveis à população.

A instalação desse museu se tornou possível quando o Governo Nacional Argentino destinou três hectares para a sua construção, após esse espaço ter sido reutilizado como guarnição militar por muitos anos, logo após o CCD ser desativado. Dessa maneira, o terreno foi transferido do Ministério de Defesa para a província de Córdoba, ficando sob responsabilidade da Comissão Provincial da Memória, que liberou o museu para o acesso do público dois anos após a sua criação, no dia 24 de março de 2009. Assim, La Perla deixou a invisibilidade para finalmente revelar a sua história.³³

A partir de todas essas evidências e outras mais, é possível concluir que dentre todos os países latino-americanos, de fato, a Argentina foi o que mais apurou os crimes cometidos na ditadura. Os dados mostram que, até hoje, mais de 200 militares e civis

³³ FESSIA, Emiliano; GÓMEZ, Alejandra; TELLO, Mariana. “Hacer visible lo invisible. Apuntes sobre el proceso de apertura del ex CCDTyE ‘La Perla’ como ‘Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos’”.

foram condenados pelos seus atos nas décadas de 1970 e 80. Vale ressaltar, ainda, que imediatamente após o fim desse regime, o então presidente democraticamente eleito Raúl Alfonsín criou a Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas (Conadep), que ouviu mais de sete mil vítimas dos CCD's (o que resultou em cerca de vinte mil denúncias de pessoas desaparecidas).³⁴ Portanto, desde 1983 existem crimes sendo julgados, circunstância que nos dá dimensão da importância e respeito que os direitos humanos adquiriram na Argentina. Até hoje em dia há processos de condenações em andamento, com penas que vão de oito anos a prisão perpétua. Consequentemente, lá a ditadura não foi algo que se esqueceu, devido à escolha de punir os responsáveis por inúmeras violações dos direitos humanos, e à divulgação desses crimes para a população.

Por outro lado, no Brasil, poucas medidas foram tomadas para que se fizesse justiça pelo o que aconteceu no passado. As poucas que houveram, se resumem à Lei da Anistia (1979) e à Comissão Nacional da Verdade (2012). A primeira diz respeito a descriminalização dos civis que, na época da ditadura brasileira, foram autuados pelo então governo como presos políticos. Muitos daqueles que foram exilados conseguiram de volta os seus cargos de trabalho (no caso de funcionários públicos e membros do Exército) e tiveram os seus direitos políticos restabelecidos. Além disso, essas pessoas receberam indenizações e, em

³⁴ “Argentina é modelo na hora de punir crimes da ditadura, diz analista” <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2011/11/13/crimes-na-ditadura-argentina-e-modelo-na-regiao-paraguai-tenta-superar-fracasso-da-comissao-da-verdade.htm#fotoNav=1>> (Acesso em 16 de maio de 2018).

determinadas situações, algumas outras garantias relativas a continuação da vida acadêmica e profissional que fora interrompida.

Já a Comissão Nacional da Verdade, deveria investigar os crimes cometidos entre 1946 e 1988, principalmente aqueles relacionados aos desaparecimentos. Durante a investigação, concluiu-se que durante a ditadura 191 pessoas foram assassinadas, 210 desapareceram e 33 foram listadas como desaparecidas na época, mas acabaram sendo encontradas. Entretanto, estima-se que bem mais indivíduos foram mortos pelos órgãos de segurança do governo. Em seu relatório final, foram identificados 377 agentes responsáveis por sequestrar militantes de oposição, porém nenhum deles foi preso. A única forma de “reparo” encontrada no Brasil, foram as indenizações para aqueles que foram torturados ou presos durante o regime militar e conseguiram sobreviver. Assim sendo, todos os agentes de repressão conservaram a sua impunidade, uma vez que nenhum deles foi repreendido pelas suas ações.³⁵

Essas presenças e ausências de recordações da ditadura e punições dos torturadores, influenciam significativamente a consciência que temos sobre o nosso passado. Só podemos conhecer hoje o que aconteceu antes de nós, se tivermos materiais que nos tragam informações claras sobre isso. Logo, a memória torna-se um importante elemento para configurar o presente e, ao mesmo tempo, construir uma consciência social.

³⁵ “Comissão da Verdade responsabiliza 377 por crimes durante a ditadura” <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/comissao-da-verdade-responsabiliza-377-por-crimes-durante-ditadura.html>> (Acesso em 16 de maio de 2018).

De acordo com Lucilia Delgado, esse mesmo elemento pode reaviver debates ideológicos e políticos, reativar correntes de pensamento e relembrar convivências mútuas constituídas em determinados períodos históricos.³⁶ Em consequência, podemos relacionar essas características da memória com os dias de hoje, refletindo sobre como ela sugestiona o modo como a ditadura é vista no Brasil e na Argentina, como ela criou significados distintos para a mesma época nesses dois países, e como a sua (não) conservação define as impressões que os brasileiros e os argentinos têm sobre o regime militar.

2. Justificativa

Escolhi abordar a temática da ditadura militar na Argentina (1976 – 1983), devido à importância de realizar uma análise dos impactos desse intervalo de tempo no país. Tenho interesse por esse assunto em função das oportunidades que ele proporciona, de repensar o papel social no combate aos regimes autoritários a partir do “não esquecimento” do passado e do cultivo à memória. Além disso, gosto de estudar sobre períodos dessa natureza para entender melhor o que acontecia, por quê e de que forma acontecia, já que frequentemente ouvimos falar sobre as ditaduras na América Latina, mas nem sempre temos uma noção clara da realidade social presente naquele momento, nem das consequências que elas trouxeram. Alguns exemplos que são pouco enfatizados, porém mais próximos de nossa realidade

³⁶ DELGADO, A. N., Lucilia. “História oral e narrativa: tempo, memória e identidades”. *História Oral*. n. 6, 2003. p. 9-25.

do século XXI, são as contradições da democracia que ocorreram em países como Honduras (2009), Paraguai (2012) e Brasil (2016). Nos três casos, os respectivos presidentes Manuel Zelaya, Fernando Lugo e Dilma Rousseff, eleitos constitucionalmente pela população, foram destituídos do poder de formas suspeitas, como costuma ocorrer nos golpes de Estado.

Outra importante razão para a realização desse projeto é a necessidade de reavivar lembranças da ditadura brasileira já apagadas pelo tempo e descaso, tendo em vista os recentes discursos que pedem o retorno do regime militar. Por terem se tornado “populares” nos últimos anos, essas manifestações aparecem como fruto de um ponto de vista que põe em risco uma sociedade que ainda possui certa democracia e liberdade de expressão. Um exemplo claro, foi a fala do ex-deputado Jair Bolsonaro, que chegou ao ponto de homenagear o torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra no seu voto a favor do impeachment de Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, em 2016. Quando um discurso como esse ganha uma grande visibilidade, alcançando pessoas de diferentes idades e sendo entendido como “correto”, é possível entender que todo um passado de opressão e violência está sendo ignorado. Portanto, é fundamental reconhecer os graves crimes que aconteceram não somente no Brasil, mas na unidade latino-americana como um todo, apontando as afrontas cometidas contra os direitos humanos, e evitando que ideias autoritárias se propaguem através de falas conservadoras e que incitam as repressões.

3. Objetivos da pesquisa

3.1 Objetivo geral

Conhecer o papel do Centro Clandestino de Detenção “La Perla” em Córdoba durante a ditadura militar, de modo a refletir sobre as prisões políticas e as memórias sobre os regimes autoritários. Com isso, construir uma coletânea de memórias e desenvolver uma pequena exposição ou “museu” da história da ditadura civil-militar em Córdoba, principalmente em relação a esse CCD.

3.2 Objetivos específicos

- Conhecer a história do Centro Clandestino de Detenção La Perla e sua atuação durante a ditadura civil-militar na Argentina, entre 1976-1983;
- Entender qual o espaço que o Ex CCD La Perla ocupa nos dias atuais;
- Coletar relatos e imagens relacionados ao período autoritário;
- Realizar entrevistas com a comunidade local;
- Confeccionar uma exposição de histórias e relatos sobre o CCD La Perla;
- Destacar a relevância da manutenção de uma consciência social e de um pensamento crítico quanto ao presente.

4. Metodologia

No início da pesquisa, coletei a maior quantidade possível de dados relativos ao Centro Clandestino de Detenção La Perla. Também procurei informações referentes ao período em que o edifício esteve em funcionamento (bem como a sua função antes

da ditadura), sua localização, número de presos políticos que lá estiveram e autoridades responsáveis pela administração do local. Do mesmo modo, busquei notícias e relatórios a respeito da criação de um “espacio para la memoria” no lugar onde antigamente funcionava esse CCD. Assim foi feito o desenvolvimento teórico fundamental, para que em seguida fosse estabelecido um roteiro de pesquisa de campo. Elaborei uma lista com as atividades que deveriam ser concretizadas na Argentina, contendo lugares a serem visitados, possíveis pessoas para entrevistar, fontes de informações locais, etc.

A etapa seguinte, que foi realizada principalmente em Córdoba, contemplou a realização de entrevistas com estudantes moradores da cidade e funcionários de museus locais, com o intuito de recolher dados que fossem úteis para a construção do projeto. Conversei com os alunos da *Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano* para entender como eles viam os períodos de regime autoritário pelos quais a Argentina passou, e também para encontrar pessoas que tivessem uma relação mais próxima com a ditadura, identificando quem estaria disposto a falar sobre suas experiências, para em seguida entrar em contato. Entrevistei funcionários dos museus *Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos Ex CCD La Perla*, *Archivo Provincial de la Memoria (Ex D2)* e *Espacio para la Memoria, Promoción y Defensa de los Derechos Humanos Campo de la Ribera*. Pensei em aplicar as perguntas nessas instituições, anotando pontos importantes da fala dos entrevistados e gravando o áudio da entrevista, com a devida autorização das pessoas, para posteriormente poder examinar uma maior quantidade de informação. Usando esse sistema, consegui fazer cinco entrevistas, podendo ter sido um

número maior ou menor, dependendo da quantidade de conteúdo que obtivesse ao longo do andamento da pesquisa.

Através desse processo de contato com a população e de visitas a espaços históricos, construí o produto final da pesquisa, com relatos dos entrevistados e imagens autorais trazidas da Argentina. A ideia é que uma pequena exposição desses materiais seja realizada em uma determinada parte do Colégio de Aplicação – UFSC. Com a confecção do produto final, tornou-se possível concluir o projeto a partir do reconhecimento de espaços encontrados e de uma atualização do passado no presente.

4.1 Produto final

Consiste em uma coletânea de imagens, trechos de entrevista, experiências, fotos, relatos e informações que foram adquiridas por meio de visitas a museus e através da realização de diversas entrevistas, principalmente com funcionários desses museus locais e moradores da cidade de Córdoba. Tive como objetivo selecionar os fatos que estivessem mais intimamente ligados à história do Centro Clandestino de Detenção La Perla, bem como ao museu que abriga suas memórias. Entretanto, como uma das finalidades específicas do projeto era destacar a forte memória argentina quanto à ditadura (1976-1983), outras informações que não estejam diretamente relacionadas a esse CCD foram utilizadas, desde que pudessem promover reflexões sobre esse período e demonstrar a consciência social e crítica da população de Córdoba.

Durante e após o processo de recolhimento de dados, análise de entrevistas, etc, organizei as informações obtidas de

acordo com categorias que facilitassem a confecção da exposição, de modo que aqueles que a encontrarem possam entender claramente sua intenção. As classificações escolhidas foram: 1) introdução histórica sobre o golpe de Estado civil-militar de 1976 e suas consequências; 2) história do CCD, suas características, fatos importantes; e 3) a memória sobre a ditadura na Argentina, sua importância e o museu do Ex-CCD La Perla. Também foram incorporados simultaneamente em mais de um tópico relatos de pessoas que tiveram contato direto/indireto com a opressão militar, demais recortes sobre a cidade de Córdoba, o período de 1976 a 1983 e as ferramentas de repressão dessa época. Cada um desses itens contemplou a conclusão de um ou mais objetivos específicos.

A exposição em si, é constituída de três painéis com textos e fotos. Como sinalizado anteriormente, um deles explica o chegada dos militares ao poder em 1976, com uma breve introdução histórica que traz, por exemplo, informações sobre os objetivos que eram visados pela ditadura e os movimentos populares de resistência. O segundo conta a história do Centro Clandestino de Detenção La Perla, fala sobre seus principais setores e repartições, funções e as autoridades do exército que administravam o lugar. Contém um mapa do edifício, informações quanto ao número de presos políticos, características gerais do CCD, localização e outros dados do gênero. Já o terceiro, tem como intuito informar sobre a memória da ditadura, aborda temas relacionados ao *Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos Ex CCD La Perla* como museu, a importância de cultivar a memória, opiniões de entrevistados em relação a importância da preservação de uma consciência social,

bem como as medidas tomadas pelo governo argentino para perpetuar essa memória.

Além desses dois espaços, adicionei um elemento a mais na exposição, para que a mesma se tornasse um pouco mais interativa. Meu objetivo foi produzir pequenas cartelas com informações que se encaixam nos tópicos citados anteriormente. De um dos lados de cada cartela há um relato sobre a ditadura, fatos mais específicos sobre as ferramentas de repressão do Estado nessa época ou demais informações relevantes; enquanto do outro lado há uma foto ou imagem que ilustre o respectivo texto. Essas cartelas devem ficar penduradas por um barbante no teto, dentro dos limites da exposição, com a finalidade de instigar a curiosidade dos visitantes e sua aproximação.

5. Resultado final

Durante o período de dois meses em que estive em Córdoba, como descrito na metodologia, pude avançar no desenvolvimento de minha pesquisa a partir de visitas aos Ex CCD La Perla, Campo de la Ribera e ao *Archivo Provincial de la Memoria* (APM - Ex D2), sendo que no primeiro estive duas vezes. Tive a oportunidade de realizar cinco entrevistas no total, com Jessica Rosencovich, 38, docente que trabalha no Ex CCD Campo de la Ribera, assim como Diego Sebastian Castaño, 38, que é funcionário público neste local; Joaquín Llorens, 43, professor de música em Mendiolaza e filho de pais desaparecidos durante a última ditadura na Argentina; Roberto Martinez, 40, comunicador social no APM; e Emiliano Fessia, 41, diretor do *Espacio para la Memoria ex CCDTyE La Perla* e ex-intercambista do Projeto Brasil/Projeto Córdoba.

A partir das fontes que consultei durante a construção do conteúdo bibliográfico de meu projeto, bem como as entrevistas feitas e as visitas aos *sítios de memória*, nas quais coletei várias informações relevantes sobre o assunto a ser pesquisado, apresento as conclusões de todo esse processo. Vale lembrar que, além de tudo o que aprendi seguindo as etapas metodológicas do meu trabalho, há ainda o conhecimento adquirido com a vivência diária em um ambiente que mantém inúmeras conexões com o meu tema de investigação. Um exemplo é a notável qualidade revolucionária que observei no contato com a população de Córdoba, que ainda em 2018 se organiza em uma luta contra políticas neoliberais e o FMI, entre outros inimigos.

Após a grande jornada de pesquisa pela qual passou meu projeto, compreendi todo o cenário social e histórico em torno da existência do CCD La Perla. Esse foi mais do que só um centro de tortura, detenção e extermínio que funcionou entre 1975 e 1978, era organizado pelo Exército Argentino e cumpria a função de desestruturar a esquerda revolucionária e os movimentos sociais do país. Com um sistema bem estruturado de investigação, militares como Menéndez (responsável pelo comando de La Perla), que participavam de um enorme movimento repressivo encabeçado pela junta militar (Jorge Rafael Videla, Orlando Agosti e Eduardo Massera, num primeiro momento), promoviam o terror e perseguiram insistentemente organizações populares como o Exército Revolucionário do Povo (ERP) e os *Montoneros*, guerrilhas urbanas de esquerda.

Por meio de sequestros, torturas, desaparecimentos e assassinatos, os militares tentavam apagar as identidades de militantes, trabalhadores e estudantes para concretizar um

objetivo que ia além da simples imposição de uma ideologia política (ou do intuito de destruir uma). Inúmeros crimes de lesa-humanidade foram cometidos, incluindo o sequestro de bebês dentro dos CCD's e os "voos da morte". De acordo com Emiliano Fessia, "O dano que La Perla produziu foi um dano que se transmitiu completamente para a sociedade. Pelo menos em La Perla (estiveram) mais de duas mil pessoas que eram militantes políticos, sociais, religiosos, culturais, artísticos e que em seu campo de trabalho de militância estavam propondo outra forma de nos relacionarmos".

Também durante 1976 e 1983 houve medidas econômicas e políticas que claramente privilegiaram uma elite, como a entrega formal de ministérios a organizações empresariais conservadoras e o aumento considerável da dívida externa - fruto de corrupção, além do início da Guerra das Malvinas (1982) contra o Reino Unido, conflito em que a Argentina saiu derrotada. Para compreender melhor a razão dessas mudanças, é indispensável levar em conta um aspecto muito expressivo que tem a ver com a Operação Condor e os golpes de Estado na América Latina, que é o evidente apoio estadunidense aos militares que tomavam o poder, perpetuado por ações da CIA. Havia nitidamente interesses do governo dos EUA voltados para os países periféricos do continente, explicado por seu caráter imperialista e o conflito ideológico da Guerra Fria. Ainda segundo Emiliano Fessia: "Não se pode pensar a ditadura só como os centros clandestinos, como La Perla, se não pensar também em que leis os ditadores promoveram, e aí (...) se encontram as leis de entidades financeiras que permitem que nossas riquezas se vão para outros países, aí se encontra a

destruição do trabalho como gerador da dignidade das pessoas, o aumento do desemprego, da pobreza, da dívida externa”.

Dessa forma, conclui-se que a ditadura fazia parte de um grande plano econômico e social que deixou inúmeros rastros na Argentina e em seu povo. Basta levar em conta (sem mencionar as heranças econômicas do regime) que foram mais de 30 mil mortos e desaparecidos, muitos podem nunca ser encontrados. Sabe-se, por exemplo, que em La Perla os corpos dos presos políticos assassinados eram depositados em uma fossa comum nas localidades do CCD, porém quando começaram as investigações, foram encontrados indícios de terra removida onde, segundo testemunhos, haviam sido enterrados os cadáveres de muitos militantes e trabalhadores. Através de um estudo, foi determinado que em 1979, após a declaração aberta de um morador das redondezas de La Perla que viu pessoas serem jogadas nessa fossa comum, os autores dos crimes de tortura e extermínio removeram os corpos que haviam sido deixados no local, assim que se depararam com a possibilidade de serem condenados devido a provas como essa.

Somente a questão dos desaparecidos já demonstra o impacto que esse movimento repressivo causou na população, pois muitas famílias procuram até hoje seus conhecidos e/ou parentes que foram sequestrados durante a ditadura. Em uma das entrevistas que fiz, dialoguei com uma pessoa que trabalha na H.I.J.O.S., uma organização argentina de direitos humanos fundada em 1995, que surgiu com o objetivo de lutar contra a impunidade dos opressores do regime militar e fazer uma tentativa de reconstrução das identidades dos desaparecidos. Descobri que são muitos os militantes sociais que trabalham

nessa instituição, e que sempre há alguém que conheça a história de uma pessoa que foi levada por esse governo autoritário.

Da mesma forma, é preciso destacar o cenário de medo e censura que tomava conta dos centros mais politizados e ativistas da Argentina. Em Córdoba especificamente, toda uma geração sofreu a tentativa de ser silenciada, de ver suas ideias e princípios serem contestados e proibidos. “Aqui havia um grupo muito forte de, por exemplo, pessoas muito conhecidas que desapareceram, que seriam muito importantes na política atual (...), que poderiam haver tido vozes mais fortes contra certas políticas que foram tomadas nesse tempo, agora e antes” disse Diego S. Castaño, “A partir do medo que a ditadura impôs, a política começou a ser vista como meio... complicada, digamos. ‘Não tinha que se meter em política’ (...) Então, bem, isso sim calou a sociedade cordobesa”. Foi assim uma das mais relevantes regiões revolucionárias da América Latina teve de lidar com a restrição de propagar seus valores sociais e de luta, porém seus cidadãos continuaram combatendo o Estado que os tentava ocultar incessantemente.

Quanto à memória comum que a população guarda com relação à ditadura civil-militar, marcada por todos os rastros que ela deixou, pude perceber quando conversei com pessoas que moravam em Córdoba, como elas tinham uma noção clara do que havia se passado na província durante 1976 e 1983. Portanto conheciam as consequências desse regime e compreendiam ao menos um pouco do cenário por trás do golpe de Estado. Isso se pode ver claramente em qualquer manifestação social de cunho político/histórico, quando o povo cordobês demonstra sua consciência sobre o seu passado. Essa qualidade da população em geral também é refletida em outras questões sociais, como a

importância que é dada a museus e espaços onde o conhecimento pode ser compartilhado democraticamente, bem como o incentivo de diversos setores para que esse tipo de espaço continue existindo.

A partir do momento em que se conhece essa realidade, que são feitas homenagens aos desaparecidos e quando os cidadãos saem às ruas em cada 24 de março, por exemplo, essa memória se mantém viva e nos ajuda a entender melhor não só o que já aconteceu, senão o que se passa hoje em dia em nosso continente e até mesmo o seu futuro. Como afirmou George Santayana, aqueles que não podem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo, por isso é fundamental que qualquer pessoa conheça não só a sua própria história, como também a história de seu mundo. Esse conhecimento pode nos fazer refletir social e politicamente sobre várias circunstâncias. “Algumas (pessoas que viveram durante a ditadura) estão desaparecidas, outras são sobreviventes. E a partir disso (é importante) poder construir um relato que nos permita ver como trazemos esse passado ao presente, e que nos ajude, que seja um passado em movimento, não um passado em um ‘museu quieto’, mas que nos ajude a refletir sobre este presente, ou seja, que nos faça perguntas” exemplifica o comunicador social Roberto Martinez, sobre as funções dos espaços de memória.

Diante disso, em Córdoba é possível verificar claramente como tal memória ocupa um espaço valioso em cada cidadão, desde pequenos eles começam a conhecer os acontecimentos significativos repassados para cada nova geração. Um exemplo está no museu do Ex CCD Campo de La Ribera, que possui uma sala proposta para as crianças, com uma estrutura criativa voltada justamente para este público. Essa sala é dedicada ao movimento

das *Abuelas de La Playa de Mayo* e às mães que perderam seus filhos. Algo que foi muito destacado pelos entrevistados que trabalham nos museus, quanto à necessidade de repassar a história para as novas gerações, foi o fato de que os espaços de memória não devem ter o objetivo de assustar, mas sim de trazer à tona realidades e vidas que os militares queriam destruir. Para isso são fundamentais as atividades adaptadas para as crianças, para que trabalhem sempre com o lema de '*verdad, memoria y justicia*'.

Aliás, além de recordar o passado só para compreendê-lo, é preciso que isso seja feito para que todos aqueles que lutaram por seus direitos e liberdade de expressão nunca sejam esquecidos. Ao responder sobre quais as funções de um museu sobre a ditadura militar argentina, Jesica Rosencovich disse: “Bem, para mim, um pouco (é) contar as histórias de vida dos desaparecidos, dos sobreviventes, as homenagens, que é uma forma de ir contra o que quiseram fazer na ditadura, que é fazê-los desaparecer, apagar sua identidade, apagar sua história. Para mim é muito importante que nos museus hoje falemos deles, contemos suas histórias, como que trazê-los de novo”. Exatamente isso é o que é realizado atualmente em Córdoba. Em cada lugar há sempre uma sala dedicada às pessoas que foram sequestradas e desapareceram durante o regime militar, para que suas vidas e identidades tenham um lugar onde sua voz seja legitimada, respeitada e divulgada, que não sejam apenas mais um número em uma contagem de vítimas da repressão, mas que possam ser ouvidas e passar sua mensagem de luta adiante.

Agora, sobre a pergunta que fiz nas entrevistas sobre a memória e os incentivos à sua conservação por parte do governo argentino, obtive respostas muito semelhantes com todas as

peessoas com quem falei. A professora Rosencovich relata: “O governo atual não está apoiando as políticas de direitos humanos (...). Faz vários anos que se vinha trabalhando, desde o governo anterior, muitos materiais sobre a ditadura, que se davam às escolas, para que pudessem trabalhar sobre essa temática, por exemplo, e agora não são produzidos mais materiais. (...) Bem, tem a ver com uma decisão política de tirar as forças, de tirar importância”. Percebi, dessa maneira, que os direitos humanos recebiam muito mais atenção nos governos kirchneristas do que atualmente no mandato de Maurício Macri, que inclusive se posiciona de maneira negacionista quanto ao que houve na ditadura. Isso foi algo que me surpreendeu, enquanto ouvi perspectivas sobre memória e esquecimento que já esperava.

Outro ponto importante que se refere à justiça e à manutenção dessas lembranças são os julgamentos que ocorreram contra os militares e civis que participaram do processo nacional de repressão ditatorial. Ao contrário do Brasil, a Argentina tomou medidas mais severas para a punição de crimes como tortura e assassinato. No final de 2016 chegou ao Tribunal Federal a *megacausa La Perla*, um processo que decretou a prisão perpétua do comandante do 3º Corpo do Exército e que coordenava as atividades deste centro clandestino de detenção: Luciano Benjamín Menéndez, que faleceu no início desse ano. Foram cerca de 22 arquivos e quase 600 testemunhos que ajudaram a condenar 38 acusados, sendo que 28 receberam a mesma pena que Menéndez. “O julgamento me parece que sim, é necessário, porque senão uma sociedade (onde) (...) aconteceram coisas terríveis e nada foi feito, é como se lhe passasse uma insegurança enorme. Bem, ‘eu estou em um país onde assassinos matam toda a gente e não acontece nada’, ou

seja, é necessário que esses julgamentos sejam feitos” expressa Joaquín Llorens, filho de pais desaparecidos, que militavam no Exército Revolucionário do Povo (ERP) e compartilhavam ideais de esquerda.

A partir de todos esses fatos e relatos, tendo em vista as informações que obtive e a argumentação apresentada, chego à conclusão de que os cordobeses ainda guardam fortes recordações desse período tão marcante, que estão exercitando o lembrar e não deixando que esse passado seja esquecido. A importância de realizar julgamentos contra os militares que participaram da construção desse Estado desumano, bem como a organização de marchas, a manutenção dos museus sobre a ditadura e o incentivo a uma política de conservação da memória se mostra indispensável para um país que, assim como outros da América Latina, sofreu com políticas opressoras e cruéis.

Portanto, é vital que a história recente da Argentina seja ensinada para as novas gerações, que os jovens tenham consciência de tudo o que aconteceu e que possam construir um pensamento crítico quanto a isso. Logo, ao elaborar pontes temporais é preciso problematizar sobre a questão dos direitos humanos, da liberdade de expressão e da democracia, e é para isso que existem os espaços de memória: para que as pessoas construam reflexões e aprendam coisas novas ao passarem por esses lugares, que não sirvam somente para informar, mas para também incitar perguntas e problemáticas.

Uma fala muito significativa da uma entrevista com Emiliano Fessia, e que pode resumir aonde essa pesquisa me levou, é: *“Lo que intentamos hacer y lo que vos viste, que está representado en las historias de las victimas, (...) es que la desaparición de personas, al mismo tiempo cometieron el crime*

que fue intentar borrar su historia, borrar su trayectoria en el mundo, (entonces) recuperalas, que se conozca quién fueran los represores y como se formaron, digamos, y sobretodo que se comprenda que nunca, jamás, en ningún lugar del mundo y en ningún tiempo historico se puede justificar la tortura. Y creo que eso es algo esencial para la democracia”.

Assim, termino minha pesquisa tendo cumprido os objetivos que propus no início dessa jornada, que foi além da realização de um projeto. Essa foi uma experiência que, por tudo o que ensinou a mim, não termina com a volta a Florianópolis, mas sim ganha um novo panorama para que continue e traga sempre reflexões sobre temas como o que foi pesquisado, levando consigo também a ideia de justiça, liberdade e democracia.

Referências

“Qué fue La Perla, el lugar donde la dictadura actuó sin ley ni Dios”
<<https://www.infobae.com/politica/2016/08/25/que-fue-la-perla-el-lugar-donde-la-dictadura-actuo-sin-ley-ni-dios/>> Acesso em 8 de abril de 2018.

“La sangrienta historia de ‘La perla’, el campo de exterminio de Córdoba”
<<http://www.eldiariodecarlospaz.com.ar/provincial/2016/3/17/sangrienta-historia-perla-campo-exterminio-cordoba-23069.html>> Acesso em 8 de abril de 2018.

“A ditadura civil-militar na Argentina (1976-1983)”
<<https://historiandonanet07.wordpress.com/2015/08/20/a-ditadura-civil-militar-na-argentina-1976-1983/>> Acesso em 14 de abril de 2018.

“La Perla: centro de detención de obreros y estudiantes” <<https://www.laizquierdadiario.com/La-Perla-centro-de-detencion-de-obreros-y-estudiantes>> Acesso em 8 de abril de 2018.

“Los libros que la dictadura quemó” <<http://laizquierdadiario.com/Los-libros-que-la-dictadura-quemo-hace-cuarenta-anos>> Acesso em 30 de abril de 2018.

“La Perla” (centro de detención) <[https://es.wikipedia.org/wiki/La_Perla_\(centro_de_detenci%C3%B3n\)](https://es.wikipedia.org/wiki/La_Perla_(centro_de_detenci%C3%B3n))> Acesso em 15 de abril de 2018.

“Recorrido Histórico: Funcionamiento del Centro Clandestino de Detención Tortura y Exterminio” <<http://www.apm.gov.ar/lp/recorrido-hist%C3%B3rico-funcionamiento-del-centro-clandestino-de-detenci%C3%B3n-tortura-y-exterminio>> Acesso em 15 de abril de 2018.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976 -1983: do Golpe de Estado à Restauração Democrática.**; São Paulo, Editora da USP, 2007.

LINZ, Juan. Regimes Autoritários. **O Estado Autoritário e Movimentos Populares**; Coordenação de Paulo Sérgio Pinheiro; Editora Paz e Terra, 1980.

ROJAS, Gonzalo, Adrian. “A ditadura militar na Argentina (1976-1983): retomando algumas hipóteses frente aos relatos oficiais”. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol.18 n.32, p.163-176, jan./jun. 2014.

DELGADO, A. N., Lucilia. “História oral e narrativa: tempo, memória e identidades”. **História Oral**. n. 6, 2003. p. 9-25.

FESSIA, Emiliano; GÓMEZ, Alejandra; TELLO, Mariana. “Hacer visible lo invisible. Apuntes sobre el proceso de apertura del ex CCDTyE ‘La Perla’ como ‘Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos’”. **Espacios, lugares, marcas territoriales**

de la violencia política y la represión estatal; Núcleo de Estudios sobre Memoria.

“Argentina revela listas negras de artistas na ditadura” <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131108_lista_negra_argentina_mc_ik> Acesso em 28 de abril de 2018.

“Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos La Perla” <<http://www.cba.gov.ar/direccion-del-ex-centro-clandestino-la-perla/>> Acesso em 15 de abril de 2018.

Anexos

Anexo 1

ENTREVISTA COM A POPULAÇÃO LOCAL

- Nombre/Nome:
- Edad/Idade:
- Profissão/Profissão:

207

1) ¿Usted conoce o ha oído hablar del Centro Clandestino de Detención "La Perla"? Si es así, ¿de qué forma tomó conocimiento de su existencia? (Você conhece ou já ouviu falar do Centro Clandestino de Detenção "La Perla"? Se sim, de que forma tomou conhecimento de sua existência?)

2) ¿Conoces a alguien que ha permanecido en "La Perla"? Si es así, ¿sería posible contar su historia? (Você conhece alguém que tenha permanecido em "La Perla"? Se sim, seria possível contar a sua história?)

3) ¿Puedes identificar algunas consecuencias traídas por ese Centro Clandestino de Detención para la ciudad de Córdoba? (Você consegue identificar algumas consequências trazidas por esse Centro Clandestino de Detenção para a cidade de Córdoba?)

4) ¿Usted ha visitado el "Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos Ex CCD La Perla"? (Você já visitou o "Espacio para la Memoria y la Promoción de los Derechos Humanos Ex CCD La Perla"?)

5) ¿Crees que hoy en día todavía hay un fuerte recuerdo de la dictadura militar de 1976, principalmente en Córdoba? (Você acha que hoje em dia ainda há uma forte lembrança da ditadura militar de 1976, principalmente em Córdoba?)

6) ¿En su opinión, el gobierno de Argentina mantiene una política que incentiva la conservación de la memoria cuanto a ese período autoritario? (Em sua opinião, o governo da Argentina mantém uma política que incentiva a conservação da memória quanto a esse período autoritário?)

7) ¿De acuerdo con su punto de vista, ¿qué debe ser más importante o lo que le gustaría ver en un museo sobre la dictadura militar argentina? (De acordo com o seu ponto de vista, o que deve ser mais importante ou o que você gostaria de ver em um museu sobre a ditadura militar argentina?)

Anexo 2
ENTREVISTA COM OS FUNCIONÁRIOS DOS MUSEUS E/OU
ÓRGÃOS PÚBLICOS:

- Nombre/Nome:
- Edad/Idade:
- Profesión/Profissão:

1) ¿Cuánto tiempo usted trabaja en ese lugar? (Há quanto tempo você trabalha nesse local?)

2) ¿Qué más le llama la atención aquí? (O que mais lhe chama a atenção aqui?)

3) ¿Conoces a alguien que ha permanecido en "La Perla"? Si es así, ¿sería posible contar su historia? (Você conhece alguém que tenha permanecido em "La Perla"? Se sim, seria possível contar a sua história?)

4) ¿Puedes identificar algunas consecuencias traídas por ese Centro Clandestino de Detención para la ciudad de Córdoba? (Você consegue identificar algumas consequências trazidas por esse Centro Clandestino de Detenção para a cidade de Córdoba?)

5) ¿Crees que hoy en día todavía hay un fuerte recuerdo de la dictadura militar de 1976, principalmente en Córdoba? (Você acha que hoje em dia ainda há uma forte lembrança da ditadura militar de 1976, principalmente em Córdoba?)

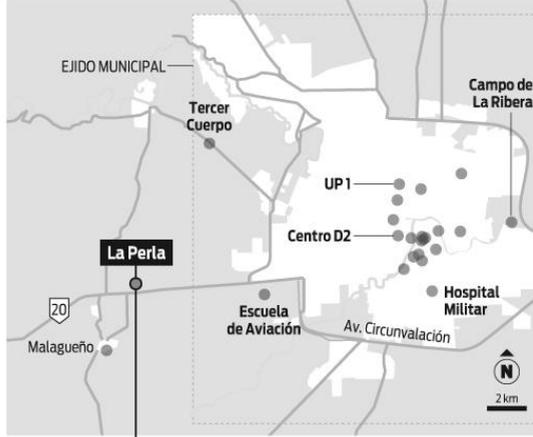
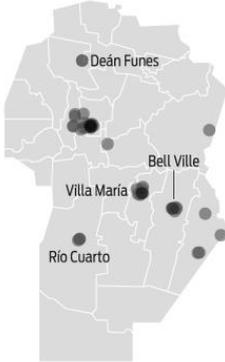
6) ¿Cuál es la importancia de la existencia de museos sobre la dictadura actualmente? (Qual é a importância da existência de museus sobre a ditadura atualmente?)

7) ¿En su opinión, el gobierno de Argentina mantiene una política que incentiva la conservación de la memoria cuanto a ese período autoritario? (Em sua opinião, o governo da Argentina mantém uma política que incentiva a conservação da memória quanto a esse período autoritário?)

8) ¿De acuerdo con su punto de vista, ¿qué debe ser más importante o lo que le gustaría ver en un museo sobre la dictadura militar argentina? (De acordo com o seu ponto de vista, o que deve ser mais importante ou o que você gostaria de ver em um museu sobre a ditadura militar argentina?)

Los sitios del espanto

LOS CENTROS CLANDESTINOS EN CÓRDOBA



Cómo era el centro de detención La Perla

Fue el mayor campo de concentración del interior del país en cuanto a víctimas y el tercero después de la Esma y Campo de Mayo.

